



Johnatan Conceição dos Santos
Iara Vanessa Mafra Bichara

Dizeres do Tempo, nuances da vida.

Johnatan Conceição dos Santos

Iara Vanessa Mafra Bichara

Dizeres do Tempo, nuances da vida.



INSTITUTO
FEDERAL
Sergipe
2019

Copyright © 2019 • IFS

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

DIRETORA DE PUBLICAÇÕES

Vanina Cardoso Viana Andrade

EDITORIAÇÃO

Diego Ramos Feitosa

Jéssika Lima Santos

Kelly Cristina Barbosa

Júlio César Nunes Ramiro

CONSELHO EDITORIAL

Jaime José da Silveira Barros Neto

Rafael Pinheiro de Araujo

PLANEJAMENTO E

COORDENAÇÃO GRÁFICA

Laryssa Mota

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Laryssa Mota

DIAGRAMAÇÃO

Laryssa Mota

REVISÃO

Cristiane Mirtes da Fonseca

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S237d Santos, Johnatan Conceição dos
Dizeres do tempo, nuances da vida [recurso eletrônico] / Johnatan
Conceição dos Santos, Iara Vanessa Mafra Bichara. – 1. ed. Aracaju: IFS,
2019.
155 p.: il.

Formato: e-book
ISBN 978-85-9591-132-1

1. Literatura. 2. Poemas. 3. Romance. 4. Poesia. 5. Literatura
Sergipana. I. Bichara, Iara Vanessa Mafra. II. Título.

CDU: 82-1(813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Célia Aparecida Santos de Araújo CRB 5/1030

[2019]

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS)

Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, Bairro Jardins. Aracaju/SE. CEP: 49025-330.

Tel.: +55 (79) 3711-3222. E-mail: edifs@ifs.edu.br.

Impresso no Brasil



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE (IFS)

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub

SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
Alexandro Ferreira de Souza

REITORA DO IFS
Ruth Sales Gama de Andrade

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E EXTENSÃO
Chirlaine Cristine Gonçalves

SUMÁRIO

«Dizeres do tempo» (NUANCES DA VIDA)	10
«Dizeres do tempo»	12
«02h23min»	16
«Antes de tudo»	18
«Despertar de manhã»	20
«Eterna amizade»	22
«Fluir dos dias»	24
«O pôr do sol»	26
«O tempo dirá»	28
«O TEMPO»	30
«ONDE»	32
«Quando éramos crianças»	34
«Segunda-feira»	36
«Soneto das estações»	38
«Tudo se passa»	40
«Deveras»	42
«Circular da vida»	46
«Contrito da vida»	48
«Desandar da vida»	50
«O que é a vida»	52
«Dor de viver»	54

«Mortal»	56
«Seguir»	58
«Ser Vivente»	60
«Soneto de Encorajamento»	62
«VIVA»	64
«VIVER»	66
«VIVA a VIDA»	68
«Amar é Sofrer»	72
«Amar ter»	74
«Castanhos»	76
«De tanto olhar»	78
«Desnudo»	80
«Devora»	82
«Morena»	84
«Por trás das árvores»	86
«Subjetivo»	88
«Tanto»	90
«Te amar»	92
«VEDE»	94
«A gina de voar»	98
«Andar de bicicleta»	100
«Deserto do Ser»	102
«Dores da Existência»	104
«INSÔNIA»	106

Leve de mim	108
A quimera	110
Nuances	112
O céu se fechou para ti	114
O que seria	116
O sol não brilhou	118
Prelúdio da Morte	120
Profusão	122
Sombria Solidão	124
TÊNUE	126
VASTIDÃO	128
VE	130
Língas, sem cor	134
Esperancosa Venezuela	136
INSANIDADE	138
O ERRO	140
Ruas da Mente	142
Veja o caos que nos assola	144
Versos Brancos	146
DÓ	150
INTEGRIDADE	152
Bibliografias	155



Dizeres do tempo

(NUANCES DA VIDA)

Quem não viu o abrir da boca
Onde saía dor, onde saía dizeres
Nuances da vida mudam de cor.

Ouçã as pessoas, não as deixem
Sozinhas não devem ficar, ninguém
Deve ficar só em meio a tempestade.

São nuances da vida que mudam
Constante sua cor, não se pode evitar
Ouça bem esse falar, dizer da vida.

Que sempre é enigma, complexa
E fria; não se pode conhecê-la
Aguarde com calma a liça final.



Dizeres do tempo

Se naquele tempo eu vivesse mais,
Se o anseio de amadurecer fosse sucinto,
Não correria mais aos pés do tempo.

Que de maldito tem no nome
E que parece um paradigma
Só seu próprio nome

Eu talvez aproveitaria as carícias,
Bendizeres de minha mãe, cujo
tempo privou a mim de ter.

Não por ter morrido, mas
Pelo o tempo que passou e deixou
a nós afastados por puro orgulho.

Se naquele dia eu aproveitasse
Um pouco mais aos meus irmãos
Que agora estão muito bem casados.

Pais e mães dedicados ao seu lar
Eram de riso e birra aqueles dias
Tão nossos, tão intensos e vividos.

Naquele tempo talvez eu corresse,
Buscasse ser mais rápido somente
Para voltar para casa e jogar bola

Com aqueles amigos, quais nem sei
Onde vivem, como vão suas vidas;
Se eu tivesse entendido o tempo,

Desnudando-o estaria atento,
Calmo ouviria mais as velhinhas da igreja
que abraçavam-me com todo seu amor.

Se vivesse naquele tempo, só mais uma vez,
Um bocadinho do momento. Eu calar-me-ia,
Deixaria penetrar meus ouvidos o necessário.

Arrancaria de mim a prepotência de guri
E atento tomaria notas de todo o saber ali.
Se fossem me dado 5 anos mais uma vez,

Talvez, 7 ou 8, só para pronto à vida um pouco;
seria para mim maior dádiva
Mas não supera a salvação dos eleitos.

Naquele dia me faltaria responsabilidade
De saber e entender as coisas; não pelas
Leis e regras! Sim, pelo o fato de notar

A vida e seu proceder; o tempo e sua crueldade,
destarte, eu viveria em paz.
Meu coração não iria ansiar pela infância.

Onde não se tem tanta ciência das coisas,
Onde o saber toma o sono das pessoas e
O desamor as obrigam viver na monotonia.







02h23min

Deixo meus pensamentos vivos,
Perco o sono, o sentido, o tempo
Que em tempo me diz o que seguir.

São tantas coisas que me tiram o sono.
O emprego que não chegou, o curso
Que tranquei, não pude pagar.

Vou embora mudar de vida
Ou ao menos tentar, viver
Crer que tenho de viver.

A gente cresce tão rápido,
Iludidos pedimos para crescer
Começou a vida.

Desta vez, tenho adormecido
Esqueço o hoje, vivo o amanhã quem sabe.
De certo vivi o bastante para entender. . .



Antes de todo

Antes de tudo
Antes que o mundo
Nos ameace
Nos enlace

Eu vou romper a barreira da mente
Inerte, inconsciente
Vou elevar-me o mais alto que puder.

Antes de tudo
Antes que o mundo nos imponha
O que temos que ser
Crescer, trabalhar, viver.

A solidão que excede
Vira loucura
Sentimento que não muda
Gira em redor
Derredor

E no fim do meu viver
Morrer
Esperar alguém?
Ninguém ou você.



Desperto de manhã

Desperto de manhã
Em busca de vida,
De viver de novo.

Regresso na primeira tentativa.
O que há contigo, coração?
Por que pulsas diferente?

A mente pesa os olhos,
Pesa o corpo e prende,
Anestesia a gente,

Que espera melhora,
Sorrir de tanto chorar.
Dentro corre em profusão.

Como um furacão leva tudo.
Sentidos já não são sadios,
Se enfraquecem cada manhã.

A gente sonha em sorrir,
Acorda chorando por sonhar
Vive para realizar sonhos;

Que parecem nos aliviar,
Mas nada sacia a dor,
Que mastiga e mastiga,

Os nossos sentimentos
e cospe em bagaço,
Anoitece aos trapos.

Desperto de manhã
Para esquecer de viver.
Tenho de buscar a vida.



Eterna amizade

Tinha beleza nos negros
Dos teus cabelos, no teu
Olhar a serenidade, onde

A calma invade e permanece,
Estremece a alma e este tremor
Que arrebatava, tranquiliza a dor.

O mundo parava no tempo,
Assim que ouvia a tua voz
Que sorria ao falar da gente.

O teu sorriso desconcerta
A maior face enraivecida
Que pudesse criar para ti.

Com voz serena adocicada
Dizia que tudo iria ficar bem
E o teu abraço levava embora,

A angústia vivida a cada noite
Que em claro estive e apodreci,
Mas, tu com seu amor a tirava.

Agora, tu se foi e estou só,
Porém, feliz por ti que vives
Bem e ama a vida e segue.

Amar-te-ia mesmo se perto
De certo estivesse e de uma
Vez me esquecesse, ainda...

Ainda que não me olhasse
Com os teus olhos e não
Falasse como fala tua boca;

Amar-te-ia cada vez mais,
Cada amanhecer, cada pôr
Do sol, cada estação passar.

Foi alguém que um dia
Olhou minhas chagas e
Me abraçou e ficou perto;

Um ser, cuja amizade foi
Estimada e apreciada por
Cada momento, todo dia. . .



Fluir dos dias

De tal modo sinto os dias,
Às noites se vão em meu corpo;
Parte o meu peito, parte a mim.

Talvez seja esta a minha sina,
Pouco caso faço, mas posso perder
E desta feita me entregarei assim.

Sem modos dirijo-me aos gatos
Que se deitam perto de mim;
São eles que me acompanham.

Não estou tão sozinho na madrugada,
Se não tiver aqui perto, tem um no telhado
E tornam perceptível sua companhia.

De tal modo vivo as noites e deixo fluir
Até onde permitir, finda minha sanidade,
E contente acreditar que bem tudo ficará. . .



O pôr do sol

Se vai mais um dia,
Se vai o calor do dia,
Iniciando a noite seu frio.

Não tive grandes vitórias,
Porém a luta foi tardia, doída;
O leão foi morto! Eu venci!

No contorno do céu azul, um alaranjado apare-
ce, sorrio para o sol que vai
embora dizendo um “Até logo”

A esperança que se esfria na noite,
Se aquece com o Sol ,seu calor,
Em cada novo amanhecer. . .



O tempo dirá

Das idas que segui
E não voltei, parti
Embargos de obras
Que tive, sofri, deixei

Acontecer, levar seu rumo
Prumo, cujo instrumento
Sou eu, mas não o executor.
Deixa-me ser usado a inspirar.

Este meu corpo gélido
Um dia irá se aquecer
Do verdadeiro, doce amor
Se assim a vida quiser.

Não sou o agricultor,
Eu sou a semente a crescer
O tempo dirá, mostrará fruto
Bom ou ruim, não sei, deixa ver.



Il TEMPO

Leva tempo para entender
Que o tempo faz crescer,
Amadurece, leva embora,

Faz cair as folhas das árvores.
Leva tempo para recriar-se,
Entender que o tempo auxilia,

E não opina, ordena.
O tempo é uma ferramenta
Usada para encaixar as coisas

Em seu devido lugar
Para mudar, corrigir,
Aperfeiçoar ou parar.

Custa tempo entender o tempo,
Surgindo rápido ou devagarinho,
Em momento ou para o momento.

Leva tempo para esquecer, assim
Como leva tempo para lembrar;
O tempo nos leva, nos traz de volta

Ou nos faz seguir. Faz tempo.
Faz tempo que não penso se
Estou perdendo tempo ou se

Estou a ganhá-lo! Me perco
Tentando entender o tempo,
Se um dia ele irá me curar. . .



ONDE

Onde está você nos
sons que ouço?
Não consigo te ouvir.
Onde estão os
teus olhos a
me perguntar
O próximo passo?

Eles não falaram, não
Diziam não;
Apenas me seguiam
E agora por onde
Seguem? Tuas mãos,
onde estão? Elas
Dançavam em minha nuca.

Nostálgica é esta noite,
Lembrar de outrem,
Vai parar;
Os intervalos são maiores
E os fragmentos
Vão-se acabar
Onde estão?
Futura pergunta.



Quando éramos
crianças

Saudades de quando éramos crianças,
Da inocência ao dizer e agir ao pensar.
Saudades de termos amor e encrencas.

Nós tínhamos cascas de feridas como
Remendas e mesmo assim corríamos
Sem medo de nos machucar, sem medo

Do choro, do partir da pele, da cicatriz.
Saudades de quando éramos crianças
Do amor inocente que aquecia a gente;

Abrigar os corações ao nosso sem temer.
Ah, que saudades de ser sincero sem recluir;
Saudades da surpresa que era ao descobrir

Os medos, os acertos do ser. O que é bom
E o que não é - respeitar situações e aceitar.
É nostálgico pensar nos dias brancos da vida.



Segunda-feira

Lembrar-te é dolorido,
Teu sorriso ainda nítido
Aos meus olhos, pensar.

Segunda-feira torturando
Os pensamentos em vão
Que surgem no andar.

Não quero que venhas;
Não quero que voltes,
Fiques longe de mim.

Porque lembrar de você
É desgastante, semelhante
A segunda-feira todo dia.



Soneto das estações

Lá se vai o Verão com os
Seus sorrisos, se foi o calor;
foi bom sentir de novo o sol,
o calor do amor envolver.

O Inverno traz a solidão,
saudade de quem jurou ficar;
O abandono dói. O exilado
teve de abdicar seu lar.

O Outono trouxe o esquecimento,
levou lembranças com o vento,
Saudade que não se vai.

A Primavera traz de volta o sorriso,
A doce esperança no coração;
A vida renasce de novo.



tudo se passa

Ah, se o tempo passasse
E de mim se afastasse
Trazendo doce paz.

No definhar de tua alma
Não se acabar,
O homem se alto mutila.

A vida te traz, ela mesma te leva
A dor da solidão te dilacera
Tens de suportar essa tempestade.

Ah, se o tempo passasse
As manhãs fossem de sol,
E as tardes com poucas nuvens,
Mas essas noites insistem em chover.

A abstenção da alegria adoece o ser,
Destrói sua mente; o alvorecer traz a esperança
de viver. O que resta é persistir
Acreditar no que poderá acontecer. . .



Deveras

Deveras me perdi nas
Cenas do passado.
Onde estávamos livres,
Presos a nós mesmos.

Verdade que estou
Contente no presente
Por ter cravado
O passado em mim.

Decerto o contentamento
Me é infeliz,
Torna-me vulnerável, e ser
Assim para mim é mortal.







Circular da vida

Não se pode clamar por atenção,
Você precisa manter a calma
Diante de tanta pressão que há.

A vida percorre círculos ininterruptos
E não se sabe quando para ou chega a vez,
o momento certo de entender.

Há mentes que não suportam o viver,
Há dores que não rasgam o corpo.
É ilusão viver no pleno conforto

Da mente, de estar bem.
Ou você vive ou finge
Que há beleza a alcançar.



Contrito da vida

Acalma teu coração
Tal incerteza pode te matar
O sol quente te traz miragem.

Acorde do sono que insiste te prender
Abra os olhos para vida
Os que o amam, viveram por ti.

O cedro que se põe firme no calor da sequeidão
A água que o mantém firme
Vem de longe, de dentro.

Contrito da vida
Calabouço da alma
Veja sua vida escorrer dentre suas mãos
O tempo ligeiro, devagar a levar. . .



Desandar da vida

Parece visível o desandar da vida
A gente senta e assiste até onde vai
Não sabe quando parar.

A mente grita o canto do pranto
Ninguém vai escutar; é triste
Ouvir o desvio, pausa na tempestade.

A noite é dia, e o dia é sem cor,
Sem ânimo, sem vida, acabou;
Há quem diga sobressair-se.

É o que temos de viver!
É o que temos de sentir
E assim... e assim. . .

Não os entendem e dizem:
"Perdeu-se do caminho" na verdade,
Apenas faltou-lhe a força para seguir. . .



O que é a vida

Beija-me a face, vida.
Acalme o meu corpo
Fazendo-o descansar.

Faça esquecer-me o
Tempo, a morte, cuja
sorte me quer tomar.

Afaga-me a alma em
Teus braços, confiança
Que preciso para então,

Suportar e seguir viagem,
Respirar e viver de novo.
Onde aos poucos a morte

Vai vencendo meu corpo
E eu já sem forças deixo
O desfecho seguir rumo.

O que é a vida, seu fim?
O que há de salvar-nos,
Dar-nos vida além desta?

Levar almas ao descanso
Para viver no infinito e
Nos salvar deste labirinto

Que é a vida, onde suas
Respostas mudam no
Passar do tempo, dos dias.



Dor de Viver

Tinha profundidade
Na maestria do azul
Do céu; imensidão

Que enchia os corpos
Do elixir da alegria
Nos corações da vida.

Foi profusa
Devagarinho virou cinza,
Extensão por todo o céu.

Nem tinha chapéu,
Sombrinha, nada e
Logo fui inundado,

Constrangido estava,
Molhado até a alma,
Ensopado sorri...

Corri enquanto brilhou
O sol e trouxe o arco íris,
Depois de chover solidão

Avassaladora que arrebatava
Aos corações, suas almas, vi
cair um torrencial dos olhos,

Que inchados sorriem de novo
Num futuro breve distante e
Neste instante esconde a dor.

Era de tal intensidade o cinza
Do céu que um dia foi azul.
Me perdi na cadeira da varanda,

Com a delicadeza de seus traços,
Rabisco de embarços, me perdi
Perambulando o caminho da dor.

Que almas sentem, adoece os corpos,
Os olhos falam e as lágrimas escrevem.
Acabou ali a razão do pranto, a dor viver. . .



Mortal

Na verdade
A gente sabe
que a vida

Acaba.

A maioria finge
Não ser assim
Mas vai passar
E é inevitável

O fim.

Viva a vida antes
De ir, de partir;
Seja existencial,

Mortal.



Seguir

Que a vida entregue
O que é nosso.
Que a vida nos leve
Para o nosso lugar.

Porque um bocado
Que resta de mim
Tem vontade de ir.

O restante tem pressa
De receber presentes,
Ou herança do tempo.

Nos termos legais da
Cronologia da vida,
Eu quero seguir a viver.



Ser Viviente

Eu tenho sede das vivências.
Tenho sede de ser criança
Novamente, ser imprudente.

Diga-me o porquê da morte,
Sentido de perder e tira-la.

Me diz a razão de sermos hipócritas
Enquanto passamos o tempo para
Não sermos nós mesmos.

Me diga a força que tens.
Eu direi da minha fraqueza
Que é enraizada no mundo

Em cada mente, cada alma.
O ser vivente ignora sua natureza;
Mata a todos, a si próprio

Dizendo ser alguém,
No entanto nunca
Deixou de ser ninguém. . .
Contentado a viver

Talvez um dia esta dor cesse,
Alivie meu coração que palpita
Com suas dores.

Talvez consiga esquecer a dor na alma,
O silêncio em mim que corrói e se esvai.

Certamente posso entender
Brevemente o que há aqui
E contentar-me.

Que de improviso sai melhor
As lágrimas contidas e aos poucos
Cessam de uma vez.

Todavia a dor é suportável.
Não haveria sentido de ter
De carregá-la,

Seguir adiante, deteriorar-se
Aos poucos e entender
Que a hora é chegada.



Soneto de Encorajamento

A ti dedico este soneto. Para te edificar
Sejas forte na vida, nas decisões,
Quais tomar. Não desista fácil
Persista sempre; não pare de sonhar

Sonhar sem se permitir parar,
Mesmo que não torne real, valerá a pena
No final. Não leve a mal às palavras,
Não se turbe por pouco.

Quando o pouco te faz bem,
O muito pode te fazer mal
Na vida queiras apenas o essencial

E no final , no decorrer de sua vida
Não deixes teu âmago se perder, sim!
A essência que te fez chegar até aqui.



VIVA

Tua vida escorre,
Dissolve, corre de
Suas pequenas mãos.

Torpe e infame és
O teu ingênuo pensar.
Profuso é o saber, vai

Além da psique do ser
Que se perde a cada
Frase mal expressa.

Tu morres e nem entende
O real motivo de existir,
De viver; ver a vida pulsar.

Dilatar pupila sem substância,
Atingir corpo, mente e alma;
A vida é dúvida que não acaba.



VIVER

Ao olhar a vida, deslumbram
Os olhos, o coração, diante de
Tanta profusão e escassez.

De gente humana, de mente,
Amor, talvez; do que serve
O amor se não puder saber ser?

Corre as pressas para atender
O tempo, medíocre rotina que
Atrofia as mentes e aos corpos.

Gente que quer ser outros
Que insistem que sejam também
E logo torna-se tudo normal.

Por terem orgulho em seus corações
Mortos pelo o ego estes estão e nem
Sabem onde vivem ou porquê vivem.

Cessa o deslumbramento da vida
Ao ver-me no espelho, o ser quem
Sou, a baixeza do meu ser que é.

Fecho os olhos, espero
O sono chegar, então dormir,
Porque dói viver, dói ser, dói sentir. . .



VIVA a VIDA

Curta a vida, viva e sorria.
Ame, ame-os, ame-se;
curta a vida, viva e sorria.
Tudo já foi dito, manuscrito um dia. . .







Amar é Sofrer

Quem sabe falar de amor
Sem por ele chorar?
Há possível preservação

É só não sentir, inevitável
Não amar.

De repente surge os suspiros,
Os risos soltos, o dilatar pupilar.

Ah, é doído amar
É sofrido amar.
É nadar em mar aberto

Sem destino para chegar.

Seja saudade de quem se foi
E não pode, não vai voltar
Seja o desamor, partir de coração

É doído amar, é sofrido amar;



Amar ter

Amar sem medir,
Amar sem ter cor, credo;
O próximo é órfão de amor.

Ignorar seus conceitos é estupidez,
Defender é preciso, mas antes ame
E todo amor sobressaía ao caos de si.

Amar sem esperar reciprocidade,
Sorrir nas ruas sem ter o que sorrir no dia
Para mostrar-se ao amor, o que aprendeu.

Amar é respeitar sem deixar o seu,
Sem ser tu, nós, vós, eles e eu, ser você basta;
Amar como mandamento nos fará viver.



Castanhos

Teus olhos castanhos
Tão puros de profusa
Beleza, grandeza de
Ser, de se olhar;

Hora parece um país,
Uma arte, superfície
Onde poucos entram
Ou se atrevem entrar.

Estes olhos tão lindos
Que escondem o mundo
De tudo e de todos nós;
Talvez permita conhecê-lo.

Como te quero bem
Olhar nos teus olhos
Para dizer-te o que sinto
Quando estes castanhos

Me encaram e me observam,
Tal beleza me conquista ao
Passar dos dias, ao vê-los
Me rendo a estes olhos.



De tanto olhar

O teu sorriso escondido
No canto do rosto,
No centro do teu olhar
Traz encanto,
Sonho de tanto olhar.

Seus cabelos
Enxugando o pranto que
Cessa no canto do teu olhar.

É no teu olhar
Que vejo um mundo
Para habitar,

Nas ondas do teu cabelo,
Morena vou sonhar
De tanto olhar. . .



Desnudo

Eu desnudo o teu ser,
Eu sou o brilho do teu
Belo e leve olhar.

Me deixe sonhar,
Me faça sonhar,
Eu quero te amar.

Eu quero devorar
Cada pormenor,
Cada ponto teu.

Por instantes,
Por cada passo,
Eu sou mutável.

Eu não quero
Os teus beijos;
Quero muito mais.

Eu não quero
O teu corpo,
Quero tua alma,

O teu âmago
Para unir ao
Meu âmago,

Tua alma na minha
Alma, teu corpo no
Meu corpo,

Café e água,
Essência, substância,
Nosso amor queimará.



Devora

Devora,
Aflora,
Vem amar.
No flanco,
Nos lábios,
Teu corpo tocar.

O tempo,
Os seres,
Os ares.

Todas estações;
Elas sabem
O quanto
Quero te amar.



Morena

Tua pele, morena
Envenenou minha alma
Que há tempo não sente amor.

O teu olhar de moça serena
Com sorriso tímido me encantou.
Morena, quero te amar.

Quem dera hoje.
Quem dera se fosse.
Quem dera fosses minha.

Ah, morena! Beijar-te o rosto
Com a sutileza de tocar uma rosa
Tão formosa quanto tu és.

Galgar quilômetros para ver-te.
Sonhar horas para senti-la.
Por instante te amar, morena.



Por trás das árvores

Por trás das árvores,
dentro de castelos te
escondes, se prende,
não permite se libertar.

Tu és a pessoa mais difícil
de lhe dar e como tal não se
permite viver, vegeta de trás
Deste entretenimento.

Tu sabes o quanto a amo,
o apreço que de ti retenho
dia a pós dia;
noites frias e sombrias.

Sabemos que as frustrações
que sofremos nos deram
a impressão de perdermos tempo.

Podemos entender que
toda essa conspiração
foi para trazer-te até aqui. . .



Subjetivo

Um toque, dois toques na alma.
Um dito, dois ditos aos ouvidos;
O coração se ilude, se deixa levar.

Três vezes de busca, três vezes
Te disse e não disse, tentou.
A boca não consegue expressar.

Porque o dito vai além do toque,
mas o dito sem toque não serve;
Três vezes: eu te amo, conte agora.

Desvendar segredos assim,
Por isso amo a subjetividade
Que esconde as almas amantes.

É rio que corre por debaixo,
Ninguém o vê e os sensíveis
Sentem o cheiro, imaginam.

A dor que faz soar som
De um pulsador alterado
Pelo o labor dos seres vivos.



Tanto

E eu te quero tanto,
Tanto medo de não querer,
E nesse tanto desisto de ti.

Não tenha pressa para sentir.
O amor é um castelo,
Leva tempo para o construir.

É a beleza da tua maturidade,
O tanto que amedronta;
Coração e mente em conflito.

Dia e noite trazendo incertezas,
As quais não se pode suportar;
Teu sorriso se expande em minha mente.

Na razão me perco,
Se és aquela mulher;
Quero sonhar assim.

Ainda há tempo para desistir
E eu penso que vais;
Quando dará fruto?

Ah! É querendo querer,
Tanto desistir, tanto em esperar.
Deseja partir? Deseja ficar?

Esse sorriso cativante
Traz alegria a esse coração de poeta,
Que insiste em palpitar por ti.

Porém sabe que há tramitação
Até poder sonhar;
Tem ciência desse amor não vingar.

Quem sabe algo aconteça,
Podermos aceitar:
Vai surgir ou não vai dar.

E eu quero tanto.
Um tanto indeciso, um tanto confiante;
No entanto, te espero.



Te amar

Afaga meus lábios,
Acaricia minha alma
Com fervor, todo amor.

Quero flutuar no céu
Que tem por portas
Os teus belos olhos.

Estas ruas não têm cor
Se não vejo teu sorrir,
Perde o som, a harmonia.

Toca minhas mãos
Perdidas estão a te
Esperar, pra te tocar.

Elas querem suas mãos
A entrelaçar, aquecer;
Quero te ter para amar.



VEDE

Vede o luar, meu bem.
Vede as estrelas e sua
Perfeição ao brilhar no
Azul imenso dos céus.

Vede o findar do dia
Onde as cores se vão,
Se escurecem no fim.
Vede o surgir do dia,

O alvorecer do sol que
Traz de volta o sorrir,
a brisa pairar
Em nossos corpos...

Tristes que veem o partir
Do tempo, o fim por perto
Que decerto nos levará a
Lembrar dos maus dias.

Tais foram bons, foram rasos
Aos olhos medíocres de outrem.
Vede a imperfeição das mentes
Da gente a nos fechar em nós.

Vede este luar, meu bem. Que
Deveras te fará bem observar.
Ao adormecer esquecerá aos
Dilemas de no mundo estar.





A gina de vdar

Ela não quis voar
Deixou-me ir só.

Desta vez não sabia o que fazer
Partiu chorando na chuva, segui.

Ela me dizia sorrir ao falar,
Agora o pranto me cerca.

Será esta à sina de um poeta?
Viver à espera do amor?

Vendo portas serem fechadas,
Partidas inesperadas.

Esta é a sina de quem escolhe
Esperar o amor bater à porta.

Colhendo beijos e abraços de outrem
Que não são seus e ainda sentir ausência.

Vivendo à espera de ter presença
Ao menos na voz, no olhar, estar.

Pra seguir sendo assim,
Vivendo a esperar.

É quase normal chorar na partida.
É quase normal sentir dor da ausência.

Estamos a mercê das dores da vida,
Abdicar das coisas para termos outras.

Ela não quis voar e ficou.
Eu voei até perder as asas. . .



Andar de bicicleta



É miragem crescer
Na margem de erro
De alguém, com medo
De errar, cair e se arranhar.

Vai! Tire o freio desta bicicleta
E pedala olhando para frente
Sem ansiar a queda, segue!
Depois da primeira queda

O equilíbrio aguça; vai pedalar
Sem temer os arranhões
Não ouças quem dizes caminhos
Só há um caminho a se trilhar.



Deserto do Ser

Na areia do deserto
Mato minha sede.
Não é água que quero.
Quero ficar, andar só.

Para que mentes não me opinem,
Nem levianos finjam me amar.
Eu não quero te ouvir falar de mim
Enquanto tento não me afogar.

Eu quero espaço para viver,
Mas me prendem;
Em suas palavras ruins me afogam.
Deixe-me no deserto.

Porque eu sou um e não mais.
Porque escondo o sentir
Por saber que ninguém se importa.
Eu me recio no alvorecer.

Porque eu sou complexo,
Mas fácil de se entender,
Se realmente gostares
De ler textos difíceis.

O peso não me pesa mais.
A dor não me dói mais.
Eu sou resiliência,
Amador do viver.



Dores da Existência

O que pode importar agora?
A dor rompeu a pele falha;
E agora, onde pode parar?

Respira, fecha os olhos,
Balançar a cabeça
Já não adianta.

São as dores da existência
Aflorando em nossas almas;
Reviver para poder viver.

Não há sentimentos para guardar,
Nem como os conservar
E então, a gente segue em frente.



INSÔNIA

Foi embora a coragem de viver
Eu destruí a planilha dos meus sonhos
Como o mar derruba a areia
Como o fogo queima
Levou minha paz
Foi tarde, não voltes mais. . .



Leve de mim

Leve de mim o pranto
Que é viver no desencanto,
Onde vai e volta a vida,
Torna-se dolorosa.

Leve de mim o canto,
Deixando-me sem voz
E estarei a mercê do tempo,
Definhando devagarinho.

No que a vida pode intervir?
No que se pode revogar?
E se é o propósito viver assim,
Então por que questionar?

Peço pela bondade ao criador
Que me conceda um bom
Terminar, último pensar
E que possa eu aproveitar.

É a solidão que aperta o coração
O corpo sente, a alma dilacera
Se entrega a correnteza dando
a gentileza de não prosseguir.

Leve de mim, vida! Esta dor
Que perambula em mim
E corrói toda a psique;
Secou a nascente.

Se escorre o âmago
Tornou-se banal sentir saudade.
E no final, ninguém sente mais nada
É a vocação doada pela a vida.



A quimera

Quem veio à porta
Bater até doer as mãos?
É vício, dor ou amor?
A quimera em profusão.

Adentra a casa sem vãos,
Sem móveis, sem chão
As janelas são espelhos
Que revelam o ar, o eu.

Frutificação que evolui
Numa aceleração de luz
Acelera nossos corações
Até a chegada da morte.



Nuances

Dilacera tua alma o silêncio
Afaga a solidão o descaso do amor
Quebrou-se os portões

Te busco no abismo de mim
Afim de te fragmentar
Retirar o que sobrou de mim

Nuances do destino
As sensações de desfigurar-se
Destruí toda a sorte.

O silêncio é arma que mata
Sem sangrar,sem tocar
E se tocasse,o mataria por completo. . .



O céu se fechou
para ti

O céu se fechou para ti,
A brisa parou por si;
Devagarinho cai as gotículas,
Chuva do céu que vi cair.

O viver decorre de acertos,
E por que não acertar para viver?
É que passa tão depressa a manhã,
a tarde e a noite nem vi.

Chora o sábio, faz rir o ingênuo
Quem a conhece, a cultiva
Enquanto o outro somente a corta.

Eis a formação de tudo, nasce
para morrer, crescer, conquistar
o mundo; quem sabe imortal, herói,
vilão ou apenas alguém comum.

É tudo tão autômato, superficial
Gritamos com todos, com nós mesmos;
Hipocrisia move o povo; o povo
Torna-se escravo de si mesmo.

O âmago que tinhas era o que irradiava,
O teu sorriso incendiava às pessoas
O esmero pela vida se foi
Onde está o início, o fim do ser. . .



O que seria

O que seria de ti sem estes dias?
Pra onde irias, aonde te esconderia?
Caso não fosse estas ruas nuas e cruas
De pura exclusão de amor.

O amor há tempos foi e não voltou.
Deixou-me no ponto de ônibus
Aos olhos destes prédios cinzas,
Cuja conclusão não se sabe o dia.

De onde sairia esta gente se não
De lá, sim, do trabalho árduo que
Os prendem na monotonia da vida,
A cumprir a lida, aceno da morte?

Não se encante aos versos, o pensar
Torpe e medíocre, leiam, ouçam as
Músicas, letras de sexo da mais pura
Baixeza, onde a cultura atual os abraçam.

O que seria de nós nesta vida, se tudo
Fosse batida e putaria? O que seria de nós
Se não existisse a poesia para de tempos em
tempos por algo bom em nossas vidas?

- Nós não seríamos! Não iriam ligar se nin-
guém soubesse os pensamentos rimar.



Ó got não brilha

Das tempestades
tenho fascínio;
trago no medo
dificultada visão.

Percebo que se parar e
me abrigar, esperando
passar verei a beleza dela.

Me aquecendo adormeço
com teu som, o barulho
dos raios, seus trovões
não me fazem medo.

Tua chuva me faz companhia
nesse acinzentado dia
que escondeu o sol, escureceu
a manhã, anoiteceu a tarde.

Não se foi o dia, o sol
não brilhou no lindo
azul do céu. . .



Prelúdio da Morte

Coração que pulsa
faz correr meu sangue,
Quantas vezes eu quis
Que parasse de uma vez.

Quantas vezes chorei
Ao desejar a morte e
Não ter chegado a hora
não foi por anseio a ela,

Mas, sim, por querer que
Cessasse a dor e a angústia
Que enraizada na alma me
Enfraquece a cada dia.

Todavia estive forte,
Porém chega o dia
Onde a fraqueza vence
E o corpo se entrega.

Talvez seja um alarde
Dizer-te tais coisas
devo calar-me,
esperar o amanhecer.

Veio por várias vezes,
Logo foi embora,
Volta a solidão; fica
Cada vez mais forte.

Tal sorte seja esta,
Cuja provação me
Fortaleça e cure
Minhas feridas abertas.

Se um dia a morte chegar
Quero estar de prontidão
E ciente de que chegarei
Ao âmago de Deus a salvo. . .



Profusão

Tais coisas da vida
Nos custa entender.

Em profundidade
Corre a emoção.

Não há controle
Talvez nem limite.

Aterrorizante
Medo de viver. . .



Sombria Solidão

Sombria chuva
Aprecio sua frieza;
Aqueço-me nas gotas.

Donde vens, solidão?
Velha amiga! Em mim
Se permitiu pousar.

Contentado com a escuridão,
Cujo quarto me proporciona
Vivo momento sombrio.

Há um medo de dizeres isto.
É só uma friagem! Adormeço
Para todo mundo.

Angústia que aterroriza,
Impregna, ferve em nós,
Nos corações, na alma.

Torna a fleuma
Uma essência,
Um cheiro bom.

Deveras seja o obstáculo
Em pessoa. impávido.
Como discordar de ti, solidão. . .



TÊNUÉ

É tênue esta linha,
Me parece a vida

Que vemos quebrar
Ao passar dos dias.

Tênue é o teu sentir
Que vezes abandona

E deixa-me a “ver navios”
Como se soubesse velejar.

Tênue é o que sai da tua boca,
Insosso dizer de tom ineficaz.

O desfecho é o romper
Esta linha que se acabará.

Tênue é a vida, escassez
Que mata aos poucos o ser.



VASTIDÃO

Como viver nesta vastidão
Que é o mundo? Assim tão
Escuro, tão deserto de ser.

O que dizer para parecer
Bonito aos olhos? O quê?
É de tamanha leviandade

O que fazemos aqui?
apodrecidos nós
Seguimos adiante até o

Fim que nos amedronta,
Nos impede de sonhar e
Buscar o fervor do alívio.

Para garantir que nossos
filhos vivam um diálogo
O qual nós não vivemos.

Talvez o costume de um
Adoeceu o outro e esvai
Aos poucos a vontade

De sentir o prazer da vida
E entender seu caminhar.
De sentir o prazer da vida.

Como viver nesta vastidão?
Onde o mundo apodrece
Com o seu próprio mal. . .

VE

Vê! Os dias já não são os mesmos.
Nós mudamos tanto.

Vê que no amanhecer a vida se vai.
Nos deixamos levar pelas banalidades.

Vê que fomos nós perdendo
No viver do tempo.

Quem está isento de sentir a vida, morrer?
As palavras mais tristes já ditas.

Dores mais profundas já sentidas
E então, o que ainda há de nos fazer viver?

Extraíram de nós o âmago oculto,
quem irá nos entender por completo?

Vê que há incerteza em tudo que tocamos.
Não sabemos o que nos acontece a tarde.

Na noite nós choramos por um dia melhor.
Lutamos contra leões todos os dias.

A vida interrompe seus planos para que vivas
A seu prazer e então, vivemos os planos só. . .







Linhas sem cor

As ruas são cinzas
De poluição, de dor;
As ruas são cinzas e

Ninguém sabe quem
As pintou; se um dia
Elas tiveram outra cor.

As pessoas, os móveis,
Imóveis, animais e os
Homens perdidos nas ruas.

Tudo parece perder cor
E a monotonia os cercam,
Perde vida, perde a cor.

Vive-se em dor constante
Ambulantes de pura revolta
De si, há falta da cor empatia.

Talvez sejam meus olhos
Que descontos vivem
Não conseguem ver cores.



Esperancosa Venezuela

Nestas ruas vazias que um dia
Existiu tanta gente passando e
Seguindo, voltando, a espera.

Estas crianças que choram de
Tristeza e fome, morrem de dor,
Enquanto morro de desespero.

Vendo a comida faltar, a saúde
Se acabando, a insegurança que
Assola a todos nós, nos aprisiona.

Fomos enganados por bons homens
Que na verdade eram falsos profetas,
Nos vendiam um bom futuro, coisas,

Boas novas. Demagogia escorrida em
Nós, nossos ouvidos e mentes e então,
Nos puseram algemas e quando vimos,

Era tarde demais, agora, vemos a morte,
Tal sorte, melhor que ver essa miséria a
Qual vivemos, escravizados pelo o Estado.

O protetor que agora nos devora a cada
Dia, minuto, hora. Nós estamos morrendo.
Nosso povo sendo dizimado aos poucos.

Quem sabe um dia haja esperança e então,
Possamos viver uma Venezuela melhor e
Grandiosa, assim como Óscar Perez desejou,

Nos trazer, nos dar de volta, mas teve sua voz
Calada, desarmado foi abatido quando deu
Sua alma para salvar uma Venezuela cativa. . .



INSANIDADE

Criamos um mundo
Destruímos ele,
Matamos a nós mesmos.

É insano!

Mas é o que fazemos

Prazer,
ser humano. . .



A ERRO

Nós somos o fracasso do acontecimento,
Lamentos de invernos passados;
Nós somos a baixeza encarnados.

Se um dia fomos bons, eu não me lembro.
Se um dia amamos, também não lembro.
Se um dia houve reciprocidade, não lembro.

Fomos vorazes, carnaís inconsequentes
E estamos no presente incerto.
A todo tempo somos incertos.



Ruas da Mente

Estas ruas que seguem um caminho
Desvia destino dos encontros que
Se perdem nos pontos isolados...

As ruas frias que gelam o corpo
fazendo padecer, se exaustar
Cair de cansado por causa da rotina.

Nas vielas, nos becos solitários onde
O caminho leva a lugar nenhum
No contrito das almas perdidas.

Estas ruas que transitam pensamentos
Fazendo o corpo desabar e não levantar
Até que possa encontrar sua resposta.

Meu transitar dividido, cansado de estar,
Pede auxílio para voltar ao normal e
Salvar-se de si através da resiliência.



Veja o caos que
nos assola

Apagar esta parte da história.

Veja o caos que nos assola.
Nós fracassamos e não há como revogar.
Somos senhores do presente iminente.

Nós espalhamos o pranto e a fome,
Sim, o pranto e a fome de nossos filhos.
Este é o nosso presente vigente iminente.

Nossas instituições beiram o colapso,
Sem informação, respeito e alimento.
Alienados instruem a imbecis.

Veja o caos que nos assola.
Fomos nós que gritamos por liberdade
E agora atrás de portões vivemos o dia.

Tens orgulho de ser assim e de fazer
O que quer e bem entende e assim vai.
Porém, não deixou de ser mais um, outrem.

Nós estamos sujos, imundos por algo tão nosso,
E aos poucos foi nos vestindo, nos rotulando.
Somos os donos do jeito fácil de fazer acontecer.

Veja o caos que assola as nossas fronteiras,
E o que dizes? Deixa-os entrar?
Aqui nesta ruína que está a nos matar devagar.
Veja o caos que nos assola, mordança em nós,
Nossas bocas, nossas mentes pequenas e
O que há de grande em nós, o que há?

Choro tardio este que deixas fluir em seu
rosto.
Agora, é hora de corrigir o nosso fracasso!
Sim. Vamos acabar com tudo que eles cons-
truíram.

Levante-se! Enfrente seu erro.
De forma grandiosa e resoluta;

Veja o fracasso que nos assola.
Abram os cadeados, a escravidão acabou!
É a chance de vivermos o sucesso de uma
nação. . .



Versos Brancos

Teu céu, o beco de cor
Cinza;
Inundam, o meu silêncio
Desnudo foi.

Da boca, dos olhos o som
Falhou;
Teus olhos brilham? Eles
Têm cor?

Do castelo o monte, do
Monte,
Desmonte mostrou-se,
Não sentiu.

A mente sente oscilar
Razões;
Versos brancos viram
Belos refrões.







NO

De outros versos surgiu, criou-se harmonia em
seu redor.

Tinha som, notas com clave Dó.

Caia a cada pausa, compassada valsa que de-
corre no fim da noite.

Era silêncio, cair de chuva, soprar nas árvores.

Corria o tempo parecendo não sair de seu lugar,

Enquanto nós estávamos lá, outros a perambu-
lar e desfocados estavam para nós, que estáva-
mos harmonizados como versos. . .



INTEGRIDADE

Essa será a realização de um sonho tão sonhado
Deixar um legado em palavras, frases e estrofes
Quem sabe um dia as pessoas não me olhem
com maus olhos,
que ao menos saibam o meu nome antes de
qualquer crítica.
E não desistirei de mostrar para elas
que podem existir pessoas boas em todo o mundo.
Apenas falta ao homem fechar os olhos com mal-
dade e olhar com olhos de compaixão, de piedade.
E enfim, quem sabe um dia possamos viver
uma nova Era, uma nova humanidade. . .



Bibliografias

Johnatan Conceição dos Santos,
nasceu em Aracaju no dia 27 de Abril de 1998,
é estudante do primeiro módulo do curso
Técnico de Nível Médio em Segurança do Tra-
balho, escritor, poeta, escreve sobre romances
e temas existencialistas, possui textos ultrar-
românticos, compõe versos e publica textos
referentes a reforma protestante em sua página
do Instagram o
@poesiadevocional.

O autor é cristão reformado e portador de uma
inspiração ininterrupta. Está sempre em busca
por subsídios inspiradores em cada momento
de sua vida, sendo evidente a sua sinceridade
poética, confessional e as vezes filosófica. Esta
obra é uma porção de seu universo intelectual,
agora exposto aos leitores que inevitavelmente
terão mais uma fonte de transcendência literária.

Por Wallace Douglas Nascimento dos Santos

Iara Vanessa Mafra Bichara,
nasceu em Benjamin Constant -AM, no dia 26
de outubro de 1989. Desde criança tem fascínio
pela leitura, o que se tornou um fator determi-
nante na escolha de sua carreira.

Possui graduação em Letras - Português e Es-
panhol pela Universidade Federal do Amazo-
nas - UFAM e mestrado em Educação Agrícola
pela Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro - UFRJ. Atualmente é professora nas
disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Es-
panhola no Campus Aracaju do Instituto Fede-
ral de Sergipe - IFS, e é lotada na Coordenação
de Ciências Humanas e Sociais - CCHS.



EDITORA
IFS



INSTITUTO FEDERAL
Sergipe

PROPEX
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão